

A Guerra Fria e a dissolução dos conceitos público-privado em *The Bell Jar* e poesia selecionada de Sylvia Plath

Susana Correia

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO – CETAPS

Citation: Susana Correia. “A Guerra Fria e a dissolução dos conceitos público-privado em *The Bell Jar* e poesia selecionada de Sylvia Plath” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 7, nº 2, 2018, pp. 70-84. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ler.letras.up.pt/>.

Abstract

This paper intends to analyze *The Bell Jar* and a selection of Sylvia Plath’s poetry focusing on the dissolution of the boundaries between the public and the private spheres during the Cold War, due to a new anticommunist containment ideology. In order to do so, I will resort to an analysis of naturally oppressive spaces that expose that dissolution, while also examining some characters. Ultimately, I aim to evince how Plath subverts national conformity and how in *The Bell Jar* international politics and individual trauma have similar trajectories.

Keywords: Cold War; McCarthyism; public-private; politics; spaces.

Resumo

Este artigo procura analisar *The Bell Jar*, bem como uma seleção da poesia de Sylvia Plath focando-se na forma como, durante a Guerra Fria, ocorreu uma dissolução dos conceitos público e privado, em virtude de uma nova política de contenção anticomunista. Para tal será feita uma análise dos espaços que denunciam essa dissolução, espaços naturalmente opressivos, e um enquadramento a nível de personagens. Em última instância, procuro demonstrar como Plath resiste à política nacional de conformidade e como em *The Bell Jar* as questões da política internacional e os traumas individuais têm trajetórias paralelas.

Palavras-chave: Guerra Fria; Macartismo; público-privado; política; espaços.

Notas Introdutórias:

Sylvia Plath não é comumente considerada uma escritora política.¹ Contrariamente, quando evocada, é habitualmente catalogada como poeta confessional, poeta suicida, esposa do também poeta Ted Hughes ou, como sugere Carl Rollyson, uma Marilyn Monroe da literatura moderna (1). Neste artigo proponho, no entanto, analisar *The Bell Jar*, bem como uma seleção da poesia de Plath, demarcando-me de qualquer tipo de leitura biográfica da autora, centrando-me numa análise histórica, política e cultural. Esta leitura pretende explicar a ocorrência de uma dissolução dos conceitos público e privado, em virtude de uma política de paranoia e histerismo que emergia nos Estados Unidos da América, nos anos 50, motivada pela Guerra Fria.

Nascida em 1932, em Boston, Massachusetts, Sylvia Plath, filha de pais com ascendência austríaca e alemã, cresceu num ambiente inflamado pela Segunda Guerra Mundial sobre o qual viria a refletir nos seus diários, desde 1950, onde se indaga, por exemplo, a propósito do conceito de inimigo: “Why do we electrocute men for murdering an individual and then pin a purple heart on them for mass slaughter of someone arbitrarily labeled “enemy”? Weren’t the Russians communists when they helped us slap down the Germans?” (J 46).

Os anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, especialmente a década de 50 nos Estados Unidos, foram anos de contradições. Se por um lado havia paz, estabilidade económica e oportunidades laborais, uma nova ameaça Soviética pairava sobre o país e sobre o sistema capitalista americano. Assim, o período compreendido entre 1947, data que marca o início da doutrina Truman que pretendia defender o mundo do avanço comunista, até ao colapso da União Soviética em 1991 foi um período marcado por ansiedade atómica, política e militar, que se viria a denominar Guerra Fria. Efetivamente, em 1949, a União Soviética testava já tecnologia nuclear, em 1952 eram testadas as bombas de hidrogénio, e em 1957 o processo de corrida ao espaço dava vantagem aos soviéticos com o lançamento do Sputnik. Em Outubro de 1962, com a Crise dos Mísseis de Cuba, a iminência de um apocalipse nuclear nunca tinha estado tão próxima. Enquanto se preparavam para o cataclismo, os americanos foram desenvolvendo sentimentos de incerteza e vulnerabilidade, ao passo que a nível político o senador republicano Joseph McCarthy encabeçava a nova política anticomunista, o Macartismo.

A luta contra a disseminação do socialismo tornava-se agora mais pertinente do que nunca, fundamentando a intervenção americana a nível internacional numa luta que não era exclusivamente ideológica, mas também geopolítica, económica e militar. O Macartismo trazia à superfície uma atmosfera de suspeita, incentivando colegas, amigos e vizinhos a voltarem-se contra eles próprios na tentativa de detetar o “enemy at home”. Simultaneamente, nas décadas de 50 e 60 surgia a ideologia da contenção, inicialmente formulada por George F. Kennan, em 1947, o ano da segunda vaga do “Red Scare”, uma estratégia isolacionista cujo intuito era impedir a expansão soviética. Esta estratégia pretendia evidenciar que os valores domésticos da privacidade da esfera familiar eram uma forma privilegiada de contenção política externa. Assim, segundo Alan Nadel, como a noção de família estava interligada à ilusória noção de segurança, o culto da domesticidade era entendido como uma forma de contenção política e social que, em última instância, seria um método para conter a própria ameaça comunista (*Containment* 3; 117). Neste seguimento, parece tornar-se plausível a teoria de Peter J. Kuznick e James Gilbert quando advogam que o principal efeito da Guerra Fria terá sido a nível psicológico.²

Perante o clima de paranoia, a linha entre aquilo que era do domínio público e do domínio privado tornava-se cada vez mais ténue. Em *Discipline and Punish*, Foucault critica a capacidade das “disciplinas”, um sistema judiciário que, no século XVIII, tinha permitido a criação de um sistema de direitos supostamente igualitário, suportado por mecanismos de micro poder, de regularem os mais ínfimos níveis da vida do indivíduo (“Panopticism” 222), demonstrando, portanto, que através das instituições fundacionais do Iluminismo houvera uma interpenetração entre a vida pública e privada. Deborah Nelson, por sua vez, argumenta que com a Guerra Fria se perdeu a ilusão da existência de privacidade como um elemento estável (Nelson, *Pursuing* xiii; 27). Assim, se as categorias público e privado já estavam inter-relacionadas, a verdade é que com a Guerra Fria e com a doutrina de McCarthy a dissolução da categoria do público na categoria do privado se agudizou ainda mais, ou seja, a vida privada dos americanos passou a pertencer ao escrutínio público e as motivações políticas passaram a determinar a vivência privada.

Em 1959, o termo “poesia confessional” designava o novo tipo de poesia escrita por Robert Lowell em *Life Studies*, contrária ao tom impessoal de estilo modernista e em revolta contra o “New Criticism”. Segundo Waters, a poesia confessional violava as normas de decoro literário (380) ao tratar temas como a doença mental, a hospitalização em instituições psiquiátricas, a violência doméstica, a sexualidade, o suicídio, entre outros. Desta forma, no panorama do pós-guerra surgia uma nova

corrente poética onde a confissão, a autenticidade e a vida pessoal se afirmavam para responder à ansiedade relativa à morte da privacidade. A propósito desta corrente, Sylvia Plath comentou numa entrevista a Peter Orr: “I’ve been very excited by what I feel is the new breakthrough that came with, say, Robert Lowell’s *Life Studies*, this intense breakthrough into very serious, very personal, emotional experience which I feel has been partly taboo...”³ Contudo, na mesma entrevista Plath acrescentava que apesar de os seus poemas surgirem das suas experiências emocionais, o poder de manipular essas experiências era fundamental na composição poética. Por isso, como veremos, a mesma capacidade de tradução das experiências em material narrativo também ocorre na redação de *The Bell Jar*.

Público vs. Privado: as personagens e os espaços

The Bell Jar é o único romance completo de Sylvia Plath. Publicado em janeiro de 1962 no Reino Unido, com o pseudónimo de Victoria Lucas, só seria atribuído a Plath após o lançamento de *Ariel*, em março de 1965. Partindo de elementos autobiográficos, isto é, a estadia de Plath em Nova Iorque no verão de 1953, o romance retrata o contexto cultural e ideológico da América *wasp* nos anos 50.

O primeiro parágrafo do romance espelha, desde logo, a fusão entre reflexões de nível privado e público, nomeadamente quando Esther Greenwood, a personagem principal, reflete sobre a eletrocussão de Julius e Ethel Rosenberg, dois alegados espões acusados de traição aos Estados Unidos por divulgarem informação nuclear à União Soviética. Neste parágrafo lê-se:

It was a queer, sultry summer, the summer they electrocuted the Rosenbergs, and I didn’t know what I was doing in New York. I’m stupid about executions. The idea of being electrocuted makes me sick, and that’s all there was to read about in the papers - google-eyed headlines staring up at me on every street corner and at the fusty, peanut-smelling mouth of every subway. It had nothing to do with me, but I couldn’t help wondering what it would be like, being burned alive all along your nerves. (1)

Assim, se a primeira frase aborda questões políticas e históricas, rapidamente o enfoque passa a ser o estado emocional que a eletrocussão produz em Esther. Este parágrafo é também relevante por evidenciar a ideia de vigilância contínua, que aqui assume a forma dos *headlines* dos jornais que, metaforicamente, encaram Esther, bem como a atração inconformista de Esther relativamente à eletrocussão. Torna-se,

portanto, evidente que, ao iniciar o seu único romance com uma reflexão sobre o polémico caso dos Rosenberg, Plath pretende destacar o elemento político em *The Bell Jar*. Ainda que, aparentemente, o destaque que é dado a este caso não seja preponderante, a eletrocussão dos Rosenberg estabelece uma tensão que permeará toda a obra. Ao contrário de todas as personagens da obra, Esther move-se pelo sentimento de identificação com os espiões, que são alvo de críticas por toda a sociedade. No auge do Macartismo e do estado de vigilância, qualquer indicação de inconformismo, fosse esta de caráter social, sexual ou religioso, era motivo suficiente para suspeita. Neste sentido, imperava uma necessidade de consenso nacional e de regresso à normalidade, pelo que qualquer mostra de associação às atividades consideradas antiamericanas deveria ser investigada. A paranoia e a histeria tornavam-se condições sociais, o que viria a trazer consequências psicológicas para os cidadãos, como é o caso de Esther que se sente como um ser perdido numa sociedade que não compreende; pelo que, como forma de subverter o paradigma social, opta pela identificação com o inimigo. Esther opera esta identificação psicológica através dos seus pensamentos de compaixão (BJ 1) e de condenação do ato de eletrocussão (BJ 1). Outro mecanismo de revolta para com a política interna americana é a própria trivialização da eletrocussão, pois Esther associa o caso dos Rosenberg com a memória da primeira vez que vislumbrou um cadáver, enfatizando a coincidência de eventos públicos e privados (BJ 1). Um leitor atento notará ainda a semelhança entre os nomes Esther Greenwood e Esther Ethel Greenglass Rosenberg, o nome completo da espiã que deu origem ao nome da protagonista de *The Bell Jar*, uma forma explícita de identificação.

A identificação com o inimigo não abarca apenas os Rosenberg. Pensemos, por exemplo, no caso de Constantin, o intérprete simultâneo russo com quem Esther marca um encontro que inclui uma visita à Sede da Organização das Nações Unidas. Durante este encontro, Esther analisa Constantin, concluindo que fisicamente este homem poderia ser americano, mas que ao contrário dos homens americanos, Constantin tinha capacidade de intuição, o que é encarado pela protagonista como um aspeto positivo.⁴

Enquanto visitam um dos auditórios do edifício, Esther repara numa jovem mulher russa que fala no seu idioma nativo. Deparada com esta situação, uma americana politicamente alinhada com a ideologia nacional sentir-se-ia ameaçada perante a jovem intérprete; Esther, no entanto, manifesta a sua vontade de identificação com ela: “I wished with all my heart I could crawl into her and spend the rest of my life barking out one idiom after another” (BJ 71). No seguimento da

descrição do seu encontro com Constantin, Esther apercebe-se do quão inadequada se sente, o que contrasta com o final do encontro, quando manifesta vontade em ser seduzida por Constantin (*BJ* 74). Infringindo todas as expectativas de conduta social, Esther, que se sente desajustada no seu próprio país e se sente feliz com um jovem russo, imagina ainda como seria ser casada com Constantin (*BJ* 80) e, quando este toca o seu cabelo, ironicamente Esther sente um choque elétrico (*BJ* 81), relembrando o leitor da execução dos Rosenberg.

A identificação com o “enemy within”, ou seja, os cidadãos russos que viviam em solo americano, é apenas uma das formas que utiliza para subverter o paradigma americano. Outra forma de se insurgir contra a política interna é através da exposição de comportamentos coevos. Uma grande ansiedade que permeava a época era o medo de ser visto ou ouvido, em qualquer lugar, a qualquer hora. Multiplicavam-se as ameaças à privacidade do cidadão através de equipamentos de vigilância, da vizinhança suburbana, da própria televisão que invadia o ambiente doméstico das famílias norte-americanas diariamente com notícias voyeurísticas e propagandísticas, ou mesmo através dos avanços da psicanálise. De acordo com Deborah Nelson, a poesia confessional representava o contradiscurso perfeito para contrariar os atentados à privacidade (“Confessional” 38), e, à poesia confessional, acrescento *The Bell Jar* como manifestação desse mesmo tipo de contranarrativa.

No poema de 1962, “Eavesdropper” (*CP* 260-261), Sylvia Plath registra a onnipresença da vigilância suburbana no dia a dia das famílias americanas. Assim, vemos como no poema os vizinhos espiam as casas uns dos outros: “Do not think I don’t notice your curtain - / Midnight, four o’clock, / Lit (you are reading)”. Note-se ainda nas seguintes expressões: “Nosy grower”, “Flicking over my property”, “Scrutinizing the fly”. Repare-se também na ideia de captura em flagrante no seguinte verso - “How you jumped when I jumped on you!”. Logo, vemos como Plath subverte o modelo de sociedade ideal, pois os próprios vizinhos, numa tentativa de expor o inimigo e reportar atividades antiamericanas, traem a liberdade e o direito à privacidade de cada um. O mesmo tipo de raciocínio é sugerido por títulos de poemas como “Words heard, by accident, over the phone” (*CP* 202-203), que espelham e denunciam uma cultura de suspeita, denúncia, interrogação e policiamento. Contudo, isto revela uma das grandes contradições da Guerra Fria, no sentido em que, como observa Deborah Nelson, o culto da privacidade do espaço da casa e, claro está, da ideologia doméstica, era entendido como uma das maiores contribuições para o sucesso dos Estados Unidos na guerra (“History”, 29). Porém, esta liberdade e privacidade eram constantemente contestadas pelo Estado e pela comunidade local. A

casa americana dos subúrbios passou, portanto, a ser considerada não só como uma representação e símbolo do consenso e identidade nacionais, como também uma metáfora primordial para retratar, por um lado, o conceito de segurança e, por outro, a possibilidade de ameaça.

De facto, nos anos 50 assistia-se ao fenómeno de suburbanização segundo o qual as casas dos subúrbios eram edificadas de acordo com um modelo homogéneo, com o objetivo de agregar num mesmo espaço famílias similares, do mesmo escalão social, das mesmas etnias e crenças religiosas. A propósito da cultura suburbana, Alan Brinkley opina em “The Illusion of Unity in Cold War Culture”:

In almost all suburbs, homes were designed to thrust the focus of the family inward on itself, not outward into the community. Suburbanites used their back yards, for recreation. They built back, not front, porches. They valued privacy more than interaction with neighborhood. (69)

A ideia de unidade não passava de uma ilusão no contexto da cultura da Guerra Fria. As casas eram construídas homogeneamente; no entanto, as famílias encontravam-se contidas nas suas próprias casas. Assim, ainda que os subúrbios estivessem organizados de forma uniforme, valorizava-se mais a privacidade de cada família do que a interação com os vizinhos. Como explica Nelson: “The suburban home was supposed to offer the opportunity to live out the democratic dream of privacy in postwar America” (*Pursuing* 85). No entanto, ainda que se preservasse a noção de privacidade familiar na cultura suburbana, essa mesma era desestabilizada pela cultura de vigilância entre vizinhos.

No capítulo dez, um capítulo que marca o traumático regresso de Esther à sua cidade natal, após o verão em Nova Iorque, existe um retrato da cultura do subúrbio que tenho vindo a descrever. Esther descreve da seguinte forma a sua casa:

Ours was a small, white clapboard house set in the middle of a *small green lawn* on the corner of *two peaceful suburban streets*, but in spite of the little maple trees planted at intervals around our property, *anybody* passing along the sidewalk *could glance up at the second storey windows and see just what was going on*. [ênfase minha] (*BJ* 111)

Esther apresenta a sua casa localizada nos subúrbios, onde apesar de estar resguardada pelas árvores, qualquer pessoa pode ter acesso ao que se passa dentro dela. No seguimento desta descrição, Esther comenta como uma das suas vizinhas, Mrs Ockenden, habitualmente reportava as atividades de Esther à sua mãe. Por outro lado,

Esther descreve a casa de uma outra vizinha, Dodo Conway, como cercada por uma “morbid façade of pine trees” (BJ 112), algo considerado indesejável pela vizinhança: “It was considered unsociable in our community of adjoining lawns and friendly, waist-high hedges” (BJ 112). A casa dos Greenwood e a casa dos Conway espelham, portanto, uma dualidade e paradoxo, isto é, a privacidade suburbana era considerada como algo desejável e característica de uma política de consenso nacional e, por isso, quando Mrs Ockenden trespassa a privacidade de Esther isto não é considerado correto. No entanto, quando os Conway ladeiam a casa com árvores para proteger a sua privacidade, esta atitude também é considerada pouco consensual. Há, por isso, uma atitude de manutenção e rejeição dos códigos da privacidade.

Deste modo, as noções de vigilância, o conceito de panoptismo e a ideia de poder, como formuladas por Foucault, parecem ser relevantes na análise espacial de *The Bell Jar*. Segundo Foucault, a ideia generalizada da privacidade não existiria em si mesma porque o privado enquanto conceito é infiltrado pela ideia de poder. Sobre a noção de poder Foucault afirma: “Everywhere that power exists, it is being exercised. No one, strictly speaking, has an official right to power; and yet it is always exerted in a particular direction, with some people on one side and some on the other.” (“Practice” 213). No capítulo de *Discipline and Punish* dedicado ao “Panopticism”, Michel Foucault reconsidera o conceito introduzido por Jeremy Bentham nos finais do século XVIII, o panótico, uma construção arquitetónica baseada numa dinâmica binária entre ver e ser visto. Assim, no centro desta estrutura panótica existiria uma torre rodeada, na periferia, por um edifício anular. Nas palavras de Foucault: “in the peripheric ring, one is totally seen, without ever seeing; in the central tower, one sees everything without ever being seen” (*Discipline* 202). Esta estrutura fora pensada de forma a potenciar ao máximo um estado de constante vigilância e de controlo sobre diversos tipos de espaços, entre eles prisões, hospitais psiquiátricos ou espaços de carácter mais generalista, como escolas ou locais de trabalho. Ora, utilizando este tipo de edificação, o guarda ou supervisor que estaria no centro da torre teria a vantagem de poder vigiar cada sujeito na sua cela ou estrutura de isolamento. Assim, o panótico induziria no recluso a consciência da permanente visibilidade, o que assegura a manutenção e funcionamento do poder. Por isso, Foucault considera que, graças aos mecanismos de observação e à possibilidade de penetrar no comportamento de cada indivíduo, o panótico potencia a mobilização de poder, ou melhor: “The Panopticon functions as a kind of laboratory of power” (204). Sempre visível e sempre presente, este mecanismo de vigilância e controlo intensifica a noção de poder.

Também Esther se torna alvo de vigilância na sua própria casa, pois utilizando o binário entre ver e ser visto, quando se aproxima da janela sente-se desmascarada, sentido necessidade de se esconder: “*I felt her gaze pierce through the white clapboard and the pink, wallpaper roses and uncover me, crouching there behind the silver pickets of the radiator.*” [ênfase minha] (BJ 113). Mais à frente, quando Esther desce à cozinha vê-se novamente observada: “*a clump of birches and a box hedge protected me from Mrs Ockenden*” [ênfase minha] (BJ 115). As curiosas vizinhas em *The Bell Jar* desafiam, portanto, as noções de privacidade.

O espaço da casa era nos anos 50 associado à privacidade, às relações familiares e conjugais, por isso, ter-se-á tornado num símbolo da democracia americana. Popularizado na cultura americana como “home sweet home”, o lar era, portanto, o local de autonomia, liberdade, soberania, ou seja, um espaço que, por representar a família nuclear, se tornou uma idealização da Guerra Fria, como defende Deborah Nelson (“Confessional” 36). Conseqüentemente, a casa deixa de ser apenas a estrutura física da propriedade habitada, mas torna-se numa metáfora política, central para o conceito de privacidade (Nelson, *Pursuing* 75). Esta metáfora foi intensificada se pensarmos no encontro comumente conhecido como “Kitchen Debates”, entre o Vice-Presidente Richard Nixon e Primeiro Ministro Soviético Nikita Khrushchev, em julho de 1959, na Exposição Nacional Americana em Moscovo, que decorreu no interior de uma cozinha representativa do lar familiar americano.

Consciente do momento político vivido nos Estados Unidos e da desvalorização do papel da mulher, a poesia confessional contribuía para o desmantelamento do discurso dominante. Na cena literária surgiam, portanto, poemas escritos por mulheres, sobre o seu dia a dia nas suas casas, algo que viria a permitir uma transformação do lar como metáfora política. Assim, ironicamente, legitimava-se a entrada na esfera privada da casa com poemas que subvertiam a domesticidade através da mera exposição desta ideologia. Como argumenta Nelson:

Sexton, Plath, and Rich undermined the assumptions about the privacy of the home, its sanctuary from surveillance, and its nourishment of individual autonomy - that is, the foundations of the cold war discourse on privacy. Since the home of containment ideology was principally a metaphor and a contradiction, a figure of conformity as well as a libertarian individuality, exposing the metaphor of the ideal home as the fantasy that it was meant undermining a cherished ideological bulwark against totalitarianism. (*Pursuing* 77)

O papel da literatura era agora desmistificar a ideologia da contenção, confrontando o mito da privacidade da casa como fonte de liberdade, para verificar que a conformidade que a domesticidade pressupunha não passava de uma ilusão e que a casa podia também funcionar como um espaço de rebelião.

Numa ocasião em *The Bell Jar*, Esther fantasia com a hipótese de casar com um guarda prisional com quem teria filhos e aqui vemos a centralidade que a cozinha ocupa na vida da dona de casa: “It would be nice, living up by the sea with piles of little kids and pigs and chickens, wearing what my grandmother called wash dresses, and sitting about in some kitchen with bright linoleum and fat arms, drinking pots of coffee.” (BJ 144). Mas esta cozinha é degradante e aborrecida aos olhos de Esther, que de resto já manifestara anteriormente a sua aversão à prática da culinária (BJ 71), e a vida de mãe pouco entusiasta, motivo pelo qual na formulação “kids and pigs and chickens” não existe pontuação que distinga filhos de porcos e galinhas.

Atentando agora à poesia, observamos como o culto da domesticidade, centrado na metáfora do lar e da cozinha, é subvertido pela exposição irónica dos próprios espaços. O poema ao estilo surrealista “Lesbos” (CP 227-230) retoma a ilha de Safo dedicada à amizade e amor feminino para subverter a idealização da domesticidade suburbana. Desde os seus primeiros versos, o poema, remete para o interior de uma cozinha, convocando noções de inautenticidade e performatividade pelas referências a “Hollywood”, “stage curtains” e “You acted, acted, acted for the thrill”. O verso “[v]iciousness in the kitchen” abre o poema com uma visão para uma cozinha dantesca, onde o eu poético feminino, com traços narcisistas, ameaça afogar pequenos gatos e onde o leitor chega a temer pelo infanticídio de uma bebé caracterizada como esquizofrénica. Entretanto, na cozinha impera o odor a dejetos infantis, o fumo dos cozinhados e “the smog of hell”. O sujeito poético fala de um marido impotente que tenta manter dentro de casa e, entre as fantasias frustradas do eu poético, identificado como uma dona de casa, percebemos que é ele próprio quem está aprisionado dentro da cozinha. Em “Lesbos”, a casa e a cozinha deixam então de ser um lugar privado ou idílico representativo da família tipo americana, mas exhibe-se como um lugar opressivo, ainda que performativo, pois nos seus versos finais a imagem de uma mulher altamente sexualizada ameaça com a sua vingança, substituindo a mulher inicialmente oprimida.⁵

Por último, analisemos, brevemente, o poema “Cut” (CP 235-236), escrito no dia 24 de outubro de 1962 que, como relembra Robin Peel (192), coincide com a Crise da Baía dos Porcos. Por este motivo, surgem milhões de soldados a correr num poema que começa com a adrenalina provocada pelo corte de um polegar com uma faca, em

vez de cebolas. O deslize desta faca seria indicativo da tensão sentida no mundo e o sangue que escorre pelo poema seria uma metáfora da morte, destruição e da violência masculina (Peel 194-195). Mais interessante ainda é constatar que o poema terá sido escrito no verso da segunda página de *The Bell Jar*, uma parte do romance que retoma o incidente com os Rosenberg. O sangue feminino e a centralidade do corpo permitem-nos, portanto, concluir que a cozinha, mais do que um espaço de conformidade, pode ser um espaço de subversão do culto da domesticidade.

Uma última análise aos espaços em *The Bell Jar* deve referir as estruturas hospitalares e a pertinência do panoptismo. No capítulo doze, Esther refere que o hospital para onde é levada se situa num local isolado (BJ 135), descrevendo-o como uma casa grande com um alpendre circundante: “large house, with its encircling veranda” (BJ 135). O isolamento é reforçado pela ausência de pessoas, pelo enorme silêncio, pelos corredores longos e portas fechadas. Toda a envolvimento de confinamento é fortificada pela presença de uma enfermeira robusta que observa Esther com gracejos e sibilos conspirativos (BJ 137). Após os tratamentos a que é submetida, Esther sente-se um “disembodied spirit” (BJ 139), vê-se desprovida de linguagem, pois a sua voz e poder são-lhe confiscados pelos médicos.⁶ Quando Esther é transferida para a ala psiquiátrica do hospital da cidade, sente-se fisicamente confinada (BJ 169), bem como psicologicamente vigiada. A separar Esther da paciente Mrs Tomolillo existe uma cortina similar a uma parede branca (BJ 171),⁷ e quando Mrs Greenwood visita a filha no hospital, Esther nota não só que a sua colega de quarto a espia como também a encara com sorrisos sarcásticos (BJ 172). Por outro lado, Esther repara nos médicos com as suas batas brancas, que a observam com sorrisos artificiais (BJ 170), disseminados por todo o relvado (BJ 172), pelo que, numa atitude paranóica, começa a suspeitar de todos eles (BJ 172). Esther conjectura que os médicos ouvem a sua conversa e, receando que se apercebam de que acabara de descobrir este plano de vigilância, opta por sussurrar no ouvido da sua mãe (BJ 172). Esther possui um código de vigilância interiorizado que não a permite cooperar com os médicos, mas antes opta por perturbar o funcionamento deste hospital com o objetivo de abandonar esta instituição.⁸

Seria interessante a análise de outras estruturas que exercem poder sobre o sujeito, desestabilizando as noções entre aquilo que é do domínio público e do domínio privado. Outro exemplo deste binómio seria o Hotel Amazon, metonímia de Nova Iorque, uma cidade que Esther considera nociva, e um local de encarceramento e de fronteira entre território feminino e masculino. Um outro exemplo é o cemitério, um local de configuração heterotópica de acordo com a teoria de Kevin Hetherington,

pois marcado pela sua ambiguidade, o cemitério em *The Bell Jar* é passível de ser considerado simultaneamente como um local de opressão e resistência à contranarrativa. O que é certo é que em *The Bell Jar*, os espaços, e as personagens que esses espaços habitam, são representativos da dissolução que temos até então vindo a demonstrar, pois a vida privada é invadida pelas demonstrações do poder das estruturas sobre o sujeito, o que certamente relembra aquela que viria a ser a máxima da segunda vaga de feminismo dos anos 60: “the personal is political”.

Considerações Finais

Na entrevista a Peter Orr, quando questionada acerca da referência nos seus poemas a campos de concentração nazi, Sylvia Plath responde: “On one side I am first generation American, on one side I’m second generation American, and so my concern with concentration camps and so on is uniquely intense. And then, again, *I’m rather a political person* as well, so I suppose that’s what part of it comes from.” [ênfase minha]. A nova edição das cartas de Sylvia Plath, cujo primeiro volume foi publicado em setembro de 2017, reitera as numerosas considerações políticas de Plath relativamente ao conflito americano e soviético.⁹

Concluimos, portanto, que, contrariamente às leituras simplistas de *The Bell Jar* como romance de iniciação e do tratamento da depressão, este é um romance que retrata a América da Guerra Fria com um fôlego inovador. É um romance onde se desmistificam noções de privacidade e onde se reequaciona a retórica nacional através da arena privada da casa, da visão mítica da família americana e suas vizinhanças. Plath evidencia a relação entre a privacidade e exposição, a convergência de domínios públicos e privados, explorando ainda as intersecções políticas e culturais, espelhando a forma como o trauma nacional afeta as narrativas pessoais.

Em última análise, *The Bell Jar*, bem como a poesia de Plath, não pode ser lido em função da procura da coincidência biográfica, tem de ser lido na sua amplitude como um romance transgressivo, subversivo e político.

Obras Citadas

Brinkley, Alan. "The Illusion of Unity in Cold War Culture" *Rethinking Cold War culture*. Smithsonian Books, 2010, pp. 61-73.

Correia, Susana. "Política(s) em The Bell Jar e poesia selecionada de Sylvia Plath." Dissertação, Universidade do Porto, 2017.

Ferretter, Luke. *Sylvia Plath's Fiction: A Critical Study*. Edinburgh University Press, 2012.

Foucault, Michel. "Panopticism" *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. Penguin Books, 1991, pp. 195-228.

- - -. "PRACTICE: Knowledge and Power." *Language, Counter-Memory, Practice*. Cornell University Press, 1977, pp. 205-233.

Hetherington, Kevin. "Two Castles: Heterotopia as sites of alternate ordering." *The Badlands of Modernity*. Routledge, 1997, pp. 39-54.

Kuznick, Peter J., e James Gilbert, editores. *Rethinking Cold War culture*. Smithsonian Books, Smithsonian Books, 2010.

Nadel, Alan. *Containment Ideology: American Narratives, Postmodernism, and the Atomic Age*. Duke University Press, 1995.

- - -. "Fiction and the Cold War" *The Cambridge Companion to American Fiction after 1945*, editado por John N. Duvall, Cambridge University Press, 2012, pp. 167-180.

Nelson, Deborah. "Confessional Poetry" *The Cambridge Companion to American Poetry since 1945*, editado por Jennifer Ashton, Cambridge University Press, 2013, pp. 31-43.

- - -. "Plath, history and politics." *The Cambridge Companion to Sylvia Plath*, editado por Jo Gill, Cambridge University Press, 2006, pp. 21-35.

- - -. *Pursuing Privacy in Cold War America*. Columbia University Press, 2002.

Peel, Robin. *Writing Back: Sylvia Plath and Cold War Politics*. Fairleigh Dickinson University Press, 2014.

Plath, Sylvia. *Collected Poems*. Faber and Faber, 1989.

- - -. *Johnny Panic and the Bible of Dreams*. Faber and Faber, 1979.

- - -. *The Bell Jar*. Faber and Faber, 2005.

- -. *The Letters of Sylvia Plath, volume I: 1940-1956*, editado por Peter K. Steinberg e Karen V. Kukil. Faber and Faber, 2017.

Rollyson, Carl. *American Isis: the life and art of Sylvia Plath*, St. Martin's Press, 2013.

Waters, Melanie. "Anne Sexton, Sylvia Plath and Confessional Poetry." *The Cambridge Companion to American Poetry*, editado por Mark Richardson, Cambridge University Press, 2015, pp. 379-390.

Recursos eletrônicos:

"A 1962 Sylvia Plath Interview with Peter Orr." *Modern American Poetry*, n.d., http://www.english.illinois.edu/MAPS/POETS/M_R/PLATH/orrinterview.htm. Acedido 14 setembro 2018.

¹ Este estudo teve como origem a investigação realizada para a Dissertação de Mestrado realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos e intitulada: "Política(s) em *The Bell Jar* e poesia selecionada de Sylvia Plath".

² It [Cold War] persuaded millions of Americans to interpret their world in terms of insidious *enemies at home* and abroad who threatened them with nuclear and other forms of annihilation. Seeing the world through this dark, distorting lens and setting global and domestic policies to counter these fanciful as well as real threats was and is, then, the largest impact of the Cold War. [ênfase minha] (Kuznick e Gilbert 11)

³ A entrevista dada por Plath a Peter Orr pode ser consultada na íntegra através do sítio online *Modern American Poetry*: http://www.english.illinois.edu/MAPS/POETS/M_R/PLATH/orrinterview.htm.

⁴ Podemos especular que a sua capacidade de intuição, bem como a posição diplomática que ocupa, qualificariam Constantin como um excelente candidato a espião, como aliás argumenta Luke Ferretter, que, citando J. Edgar Hoover, explica que os russos designados para ocuparem funções nas Nações Unidas eram considerados potenciais espiões comunistas (108).